

# SANTA CRUZ.

PERIODICO POETICO, CRITICO E LITTERARIO.

ASSIGNATURA.  
CAPITAL.  
Por trimestre...1\$600  
Paga adiantada.

PROPRIEDADE DE EURELIANO DE  
ABREU. — Aceitam-se assignaturas na  
typographia do MERCANTIL.

ASSIGNATURA.  
FORA DA CAPITAL.  
Por trimestre...2\$000  
Paga adiantada.

N. 5.

TERÇA-FEIRA 4 DE OUTUBRO DE 1864.

ANNO I.

## SANTA CRUZ.

### Deos!

Eu quisera ter nascido debaixo dos ceos  
limpidos e azulados da Italia, aclarado pe-  
lo sol scintilante da poesia; e a nota mais  
sentida da minha lyra eu quisera dedi-  
car ao sabio autor da natureza.

Eu quisera ter a feliz inspiração de  
Byron para docantar-te em meus poemas,  
oh protector do desgraçado, arrimo do  
pobre, destructor dos potentados.

Eu desejava possuir a penna de ouro  
de Victor Hugo; a sublimidade de pensa-  
mentos de Voltaire; a imaginação poe-  
tica de Milton para louvar-te, oh astro de  
David e de Jacob.

Eu quisera ser a flor mimososa engastada  
na bella corôa dos anjos celestres, que  
com canticos sonoros saudam o astro  
brilhante dos humanos, para dedicar-te  
os meus dourados sonhos da juventude,  
os meus serviços, a minha vida emfim l..

Oh Deos de misericordia, aclara mi-  
nhas, idéias, minha intelligencia; dá-me  
forças bastantes para eu poder suportar  
o enorme peso de minhas desventuras,  
e de minhas desditas, começadas d'esde  
o berço; derrama sobre minha cabeça a  
luz divina, para que eu possa enarjuvado  
com as opiniões dos homens sabios,  
desenvolver os sagrados mysterios que  
te encerram em teu nome augusto.

Deos antes da formação do mundo  
já existis: e para sua maior gloria quiz  
crear um mundo o qual fosse habi-

tado por entes que se amassem recípro-  
camente, não estabelecendo essa distinc-  
ção de classes tão ruinosa para a socie-  
dade. Foi Deos o autor do céo que se  
ostenta magestoso ante nós, mostrando-  
nos a sublimidade das suas obras; as es-  
trellas que brilhantes resplendem no  
horizonte das nuvens, que espalhadas no  
espaço, apresentam um espectáculo des-  
lumbrante e encantador.

Elle é o conquistador de todos os po-  
vos; é a luz que guia o viandante per-  
dido a um porto de salvação e de fele-  
cidade; é a mão occulta que impelle o  
homem a praticar boas acções, dando-lhe  
ello a recompensa na outra vida; é o  
anjo da guarda que observa quando tri-  
lhemos a senda do male do erro, para  
nos encaminhar á vereda da luz e do  
bem: é o castigador dos males que aos  
christãos causam os rebeldes com suas  
doutrinas falsas; é emfim o objecto de  
nosso culto e veneração.

Não tenho forças para continuar, nem  
phrases inauditas para explicar a minha  
verdadeira crença religiosa, para expri-  
mir o amor que consagro ao soberano I  
Perdoem-me, leitores, se não concluo  
o meu pensamento a respeito do autor da  
creação; sim, não tenho forças para tan-  
to; a sublimidade do nome de Deos me  
impede de continuar: suas obras são tão  
perfeitas, seus feitos tão portentosos que  
enfandouho seria narral-os:

Que as obscuras phrases que aqui fi-  
cam extrahidas sirvam de solemne protes-  
to as doutrinas fementidas dos rebeldes,  
que queiram a todo o transe marear o  
brilho e a pureza das obras do Creador.

A. V. B.



## VARIEDADES.

### Uma noite ao luar.

(Conclusão)

VI.

Em depressa esqueceu-se o tempo em que Amelia como novel na prostituição, defunctava á larga uma vida cheia de gosos; e com a fronte cingida do diadema de rainha do alcouce, encarava o mundo com orgulho, e ria-se da sociedade que lhe lançava o ludibrio.

No meio desse tempo Amelia conquistou á muitos, á alguns dos quaes jirou ella o seu amor men'ido.

Intretanto elles miseros incautos curvando-se ao menor gesto da Messalina, satisfaziam todas as suas exigencias desperdçando por este modo as fortunas de que dispunham.

E a devassa de dia para dia tendo novas conquistas, lhe era indifferente perder um ou outro de seus velhos admiradores.

Equando alguns destes já bellados de recursos frequentavam sua casa, eram victimas de immensas decepções dessa mulher que ultimamente em altas vezes apregoava sua quebra.

Então os vagabundos acerrimos conquistadores do exterior e capangas de Messalinas, van gloriavam-se quando expulsava desua casa qualquer um que por sua causa lutava então com a crise monetaria, e sabiam lhe ao encalce, lançando-lhe milhares de epithets obscenos; e pobre diabo sob o jugo da miseria, era, não obstante, apupado por essa turma de libertinos, que a troco de um sorriso de mulher devassa a tudo se expunham!

Porém tudo rapidamente se foi mudando; ultimamente já ninguem chegava em sua casa, que não fosse para escarnecer de sua situação.

A maldição de Deos começava a produzir effeito.

Aqui já os remorsos perseguiram a Perdida?...

Seis mezes se passaram e uma tarde s-

h'a d'um hospital um cadaver envolto em um lençol.

Era Amelia que morrêra após longos dias de acerbos soffrimentos.

Nessa hora solemne n'inguem se fazia menção do nome. Todos ignoravam sua existencia na terra!...

Levado pelo espirito de compunção, acompanhei esse cadaver até o seu ultimo jazigo. Emquanto se abria uma cova no chão para enterrá-la, descobri-lhe até o pescoço, e não foi sem a mais pungente dôr que a pude contemplar.

Mas n'esse esqueleto, já não existia o menor vestigio dos encontros daquella donzella que fui seduzida — UMA NOITE AO LUAR. —

SILVA PINHEIRO.

## POESIAS.

### Idylho.

Vamos, vamos minha amada,  
Ver esta obra adorada,  
Feita pelo rei do mundo;  
Vamos ver estas colinas,  
Filhas estas tão divinas,  
Do talento mais profundo.

E ver tambem estas flores,  
Todas cheias de primores,  
Expargendo um lindo cheiro;  
Não vós ali bem defronte,  
Como é bella aquella fonte,  
Quasiá par d'aquelle outeiro?

Vês tambem uma mattinha,  
Mais adiante uma casinha,  
Alva como a tua fronte?  
Co'no dia purpurino?  
Pois lá mora o peregrino,  
Que conduz agua da fonte.

Olha tambem este prado,  
Mais além lindo viado,  
Logo após os cordeirinhos;  
E o mavioso canto,  
De um hymno puro e santo,  
Dos mimos os passarinhos.



Não vês também do Empyr io,  
Brilhar como a luz do cyrio,  
Aquella brilhante estrella !  
Pois é ella minha amada,  
Tão linda, tão encantada,  
Tão linda lucida e bella.

E' uma ~~canção~~ ~~canção~~ amada,  
Que do dia a retiradi,  
Vem ella logo annunciar:  
Vespêr na primavera,  
E' o tempo que impera,  
Para então melhor brilhar.

Vês também uma oliveira,  
Mais adiante uma palmeira,  
Q' sobre os galhos pulando  
Os passarinhos mimosos  
Com seus cantos harmoniosos,  
Aos céos vão enthoando.

Mais alem a gaturama,  
Q' salta d'uma á outra rama,  
Enthoando cantos d'amores,  
Despedindo o dia puro,  
Esperando o do futuro,  
Azulado e de alcores !

Tudo isto minha amada,  
E' uma obra adorada,  
Obras feitas por Deos !  
E' tudo só melodia,  
Como a bella poesia,  
Dos carmineos labios teos !

Estes prados são tão bellos,  
São os adornos singellos,  
D'estas tão bonitas flores;  
Montes, prados e campinas,  
São estas obras divinas,  
Da poesia de amores !

E nós bem longe da còrte,  
Tivemos a feliz sorte,  
De vivermos separados:  
Desteluxo tão funesto,  
Que mil vezes o detesto,  
Para viver retirado.

Aqui uma esperança firme,  
Aqui bem 'onze do crime,  
E também longe do ocio!  
E lá só tem o abysmo  
Onde se vê o cynismo  
E a honra n'um negocio !

Aqui se vê singeleza:  
E lá se encontra avareza !....  
Aqui se vê o abysmo,  
Do paraizo das flores:  
Lá se encontram só horrores  
E o infame cynismo !!...

Aqui se vê o encanto  
De tudo quanto ha de santo:  
Lá se vê a soberbia  
Naquelles nobres senhores,  
Ociosos impostores,  
Q' nadam na torpe orgia.

E se acaso eu morrer.  
E tu tenhas de viver  
Aqui neste lugar bello,  
Desejo ser enterado  
Alli do monte no lado.  
E meu tumulo dem singello.

Diz também que bem taful  
Debaixo de um céu azul,  
Vivemos sempre adorados;  
Era uma só amizade,  
Nos braços da liberd de,  
E do ceos, abençoado

E então eu espirando,  
Meu corpo se enregelando,  
Vai então me enterrar;  
Lá perto daquelle outeiro,  
Onde passa o caminheiro  
Que lá quero repousar.

E já tarde minha amada,  
Vamos a nossa morada,  
Dar graças ao creador;  
Por estes dias formosos,  
Por esta vida de gosos  
Por esta vida de amor.

Setembro de 1863.  
AURELIANO DE ABREU.



## CHRONICA SEMAVAL

*Amicus certus in ré incertâ cernitur.*

Assim leitores me dizia o Mingote ao entrar no escriptorio; querendo dizer que na occasião incerta achou um amigo certo, que era cá o vos-o ciano; não estranheias palavras latinas, por saber que o rapaz tinha andado no seminario e entende um bocado da artinha, mais achando um bocodinho difficil pulou de lá, mesmo elle tinha razão, não nasceo para aquillo, e nesse tempo elle já escrevia para o famoso Jasmim, esse eloquente periodico em manuscrito, donde resultou haver uns bicos, por que o Mingote é meio exaltado; mais elle não deu grande importancia aos lacos que levou.

Emfim não quero fallar em bordoadas porque tambem não sei se serei victima dellas, pois segundo me consta estou sentenciado a entrar nesta dança com o proprietario; este como mais innocente apparece n'uma scena levando puchões de orelha, e eu poltro Relampago, vou ser victima de algum gastronomo, que talvez me devore em minutos; talvez algum valento official que tenha servido ao exercito de Deos Baccho.

Seja lá o que Deos quiser; mais o culpado é o Mingote que conta-me suas carapêtas e eu é que lico em talas.

Mais voltando ao fio de minha oração direi que na chegada do Mingote ao escriptorio, saudou-me, e apoz d'isto limpou o suor que lhe corria dos labios e do insigne beque, e pronunciou as seguintes palavras:

De tudo que souber lhe narrarei,  
Se não tudo souber pouco direi.

Bem, muito bem, gosto de um caixeiro assim; igual a ti não encontrarei outro: porém se sabes muitas novidades vai percorrendo a tua vontade, que eu tenho prazer em te ouvir.

—Sr. Relampago, eu pouco ou nada sei, porque a semana foi tão escassa de novidades que não sei o que lhe conte; principiando por lhe dizer que obedeci suas ordens, de não perder as novenas, nas quaes houve sempre animada concorrência e muito azeite, mormente a par de um mancebo que nunca foi caixeiro de 5 tavernas e que não tem por devoção o trabalho, porque gosta de infestar pelas ruas da cidade, um que namora todas

as deidades bellas, mas ellas sem saberem.

Vi tambem e tive a honra de conversar, com o nosso distincto amigo, o dr. Cabeça, que desabafou o seu peito contando-me a sua forte paixão pela negra mina do becco do Imperio, é uma que faz meccetó, e elle qual gastronomo, vai sempre devora-lo; e eu tive pena do dr. porque disse-me que não grande a paixão, que até deixa o lar matrimonial, só para contemplar a belleza da tia velha; eu então disse lhe que fallasse com um missionario para deitar agua benta na quella grande cabeça, que ainda falha o juizo; e elle encantado pelas minhas phrases accitou o meu conselho e retirou-se contente.

E eu ao sair da igreja encontrei-me com o celebre romancista, e de braço com elle dei o meu passeio, apreciando a poetica noute, e elle pediu-me a resposta de seu pedido o mais breve possível, porque quer, disse elle satyrisar esses tartufos de casaca, e me citando o seu antigo *risão*, me disse que quando fallar no seu nome para critical-o, momentaneamente esta gente de baixa esphera, faz como um personagem antigo que dizia que se não importava com essas câas que apenas ladiavam mais não podiam morder; e elle precisa da resposta porque quer ensinar os redactores da S. Cruz a escreverem por serem elles *analphabetos*.

—É verdade, Mingote, que falei com o proprietario, e elle me disse que apenas precisava de um romance, e que um tão sensivel e bello como este das Torradas com manteiga, não acharia igual; quanto a vir ensinar a escrever aos *analphabetos*, seria preciso que fizesse outro exame, que não dissesse tanta asneira, que não fosse tão idiota.

Bem Sr. Chronista, lhe direi tudo, e eu já me retiro, mais antes de o fazer lhe quero dar um abraço, porque não voltarei cá senão sabbado, depois que vier de um baile a que estou convidado.

—E depois que me abracei com o Mingote, elle retirou-se e eu fiquei pensando na vida que é toda cheia de espinhos e assim fui adormecendo, assim como desapareço dos leitores.

—RELAMPAGO.—

Impressão typ. do Mercantil.